

O silêncio visível:

Um estudo sobre jornalistas ativistas da Birmânia e da Faixa de Gaza.

Rosemary Segurado*

Silvana Gobbi Martinho*

Resumo: A proposta de comunicação tem como objetivo estudar o uso das NTICs na ação política contemporânea a partir da análise de dois documentários. São eles: *Burma VJ - Notícias de um país fechado*, do cineasta dinamarquês Anders Østergaard e *Fuego sobre el marmara* de David Segarra.

Os documentários abordam as atividades de repórteres-ativistas que utilizam os celulares para captar imagens das manifestações de protesto contra a violação dos direitos humanos. Essas imagens são enviadas pela internet para redes de televisão do exterior com o objetivo de informar a realidade vivida pela população. As NTICs podem aparecer como espaço de democratização da informação.

* Doutora em Ciências Sociais pela PUC-SP e Pós doutora em Comunicação e Política pela Universidade Rey Juan Carlos de Madrid, professora da PUC-SP e da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, pesquisadora do NEAMP.

* Mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP, editora da Revista Aurora e pesquisadora do NEAMP.

A presente comunicação tem como objetivo central abordar o uso das tecnologias de informação e de comunicação na ação política contemporânea a partir da análise do processo de produção, disseminação e da repercussão de dos documentários *Burma VJ - Notícias de um país fechado*, do cineasta dinamarquês Anders Østergaard e *Fogo sobre o Marmara*, de David Segarra.

Ambos documentários abordam situações políticas de extrema gravidade, censura e desrespeito aos direitos humanos elementares. Trata-se de documentos audiovisuais da violência vivida na Birmânia e na Faixa de Gaza, respectivamente. Os documentários foram produzidos com base no uso das novas tecnologias na ação política e tiveram o objetivo de romper o cerco informacional vivido pelos moradores das respectivas regiões.

Vencedor de vários festivais de documentários¹, *Burma VJ* mostra a atividade de um grupo de jornalistas-ativistas da Birmânia que captam imagens das manifestações de protesto à ditadura militar e as enviam pela internet para redes de televisão do exterior com o objetivo de informar a realidade vivida pela população.

A Birmânia, cujo nome atual é União de Myanmar está sob o comando dos militares desde 1962, quando o general Ne Win deu um golpe de Estado, retirando Ne Wu do Partido Socialista do poder de Estado. Desde então o povo de Mianmar vive sob forte censura social e política o que impede a liberdade de expressão, de comunicação e de organização. O regime proíbe a realização de manifestações públicas, impõe toque de recolher, sanções informacionais e outras conseqüências severas a população como péssima qualidade de vida, fome e impedimento à ajuda humanitária de outros países, após catástrofes naturais², mesmo diante da escassez de alimentos e remédios o que afeta parte significativa da população.

Não é a primeira vez que a Birmânia aparece no debate político por meio de manifestações do campo artístico colocando no centro de suas produções um material fértil para abordar questões do campo da política. O país também foi

¹ O documentário foi vencedor da 14ª. Edição do Festival É tudo verdade, na categoria Competição internacional de longa e média metragem

² Em maio de 2008 um ciclone afetou a região e deixou aproximadamente 140.000 mortos e desaparecidos

cenário da literatura do escritor inglês George Orwell no romance *Dias na Birmânia*. Nessa obra, Orwell desenvolveu uma reflexão crítica a respeito da colonização britânica durante os anos 20 e, por meio do personagem central John Flory, descreveu a vida da Birmânia naquele momento, enfatizando a ausência de liberdade de expressão: “Expressar-se livremente é impensável”, afirma Flory. De acordo com Chaia (2004), em contextos como esse, nos quais a política pode deixar escapar a possibilidade da continuidade institucional e quebrar o andamento democrático é que a dimensão trágica da política se explicita.

Nota-se que quase um século depois a situação política descrita ainda se faz presente e é o foco central do documentário de Anders Østergaard. O livro publicado pela primeira vez em 1934 nos oferece um panorama rico a respeito da vida social e política e dos contrastes sociais vividos naquele momento.

O antropólogo E.R. Leach publicou em 1954 um estudo intitulado *Sistemas Políticos da Alta Birmânia*, considerada uma obra seminal na antropologia. Fruto de uma ampla pesquisa desenvolvida na região, Leach reconstrói o sistema político do país a partir da análise sobre as relações estabelecidas entre populações *kachin* e *chan*, ocupantes da região nordeste do país. Ao descrever os rituais, a estrutura política, as formas de produção, as formas de parentesco e o uso da linguagem, nota-se que as matrizes históricas ainda podem ser identificadas na vida da população birmanesa.

Os *chans* habitavam os vales ribeirinhos e cultivavam arroz que era utilizado tanto para a subsistência quanto para a comercialização do excedente. Possuíam um sistema político organizado em principados e o budismo era cultuado pela maioria da população.

Os *kachins* desenvolviam agricultura itinerante e não produziam nenhum tipo de excedente, possuíam um sistema político bastante heterogêneo. Em algumas aldeias, verificou-se a presença de estruturas político-organizativas semelhantes aos estamentos feudais e, em contrapartida certas aldeias se estruturavam com princípios autogestionários que mais se aproximavam do pensamento anarquista ou de um comunismo primitivista.

No século VII, a região onde hoje se localiza Myanmar foi ocupada por tribos mongóis que levaram para lá o culto ao budismo e desde então foi invadida por tribos inimigas e passou por intensos conflitos étnicos. A unificação do país ocorreu no século XVIII, mas não conseguiu estabilidade social e política. No século XIX, o Império Britânico invade a região e a torna colônia britânica até 1948 quando se tornou uma república independente.

O país ainda sofria com a violenta invasão japonesa ocorrida durante a segunda guerra mundial e foi palco de violentos conflitos e responsável por um forte sentimento nacionalista insuflado pelos militares. Esse sentimento pode ser verificado em 1962 quando os militares, por meio de um golpe de estado, instalaram uma ditadura no país e desde então, os birmaneses vivem sob um regime de exceção e é considerado uma das tiranias mais sangrentas do século XX. Segundo o filósofo italiano, Giorgio Agambem (2004), o estado de exceção pode ser associado a seguinte concepção:

“O totalitarismo moderno pode ser definido, nesse sentido, como a instauração, por meio do estado de exceção, de uma guerra civil legal que permite a eliminação física não só dos adversários políticos, mas também de categorias inteiras de cidadãos que, por qualquer razão, pareçam integráveis ao sistema político. Desde então, a criação voluntária de um estado de emergência permanente (ainda que, eventualmente, não declarado no sentido técnico) tornou-se uma das práticas essenciais dos Estados contemporâneos, inclusive dos chamados democráticos” (AGAMBEM, 2004:13)

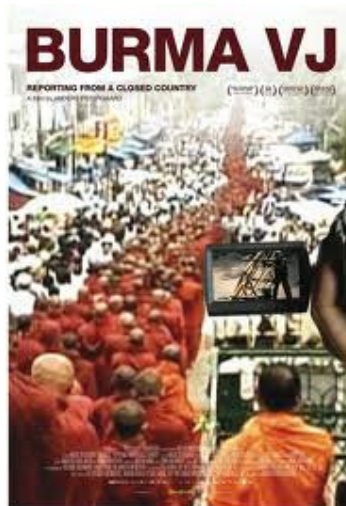
Em 1988 o regime da Birmânia demonstrou sinais de fraqueza diante às manifestações de movimentos populares insatisfeitos com a condução política do país e, principalmente, com a ausência de liberdade de organização, manifestação e de expressão. O país aderiu ao ideário socialista e se aproximou naquele momento da política chinesa, promoveu a nacionalização da economia, instaurou o regime de partido único e extinguiu a imprensa livre e independente. Posteriormente, pressionado por uma onda de protestos, o general NE Win renunciou, mas isso significou uma breve vitória para os movimentos insurrecionais. Breve, pois no mesmo ano, outro golpe de estado reconduziu os militares ao poder e o regime se tornou ainda mais autoritário e violento.

Em 1990 foi convocada uma assembléia constituinte responsável pela elaboração da nova constituição. A oposição obteve maioria, mas foi impedida de

desenvolver suas atividades políticas. Desde o ano de 2003, uma das mais importantes lideranças políticas da oposição está em prisão domiciliar, Aung San Suu Kyi, ganhou nesse mesmo ano o prêmio Nobel da Paz por sua luta pelo restabelecimento da liberdade e dos direitos humanos para o povo birmanês.

Esse breve histórico da situação social e política do país nos oferece a dimensão da denúncia do *Burma VJ*. O documentário é uma larga composição de material organizado e divulgado a partir da atividade de um grupo de jornalistas-ativistas da Birmânia que formaram a Voz Democrática da Birmânica (DVB) e passaram a filmar os protestos de 2007 que acarretaram na morte de 7 monges, no espancamento de 700 pessoas e na prisão e exílio de 300 manifestantes.

A seleção e produção das imagens para a realização e construção da filmagem tiveram alguns elementos reconstruídos com as pessoas envolvidas e outros reorganizados. Lugares e fatos foram alterados, bem como os nomes dos cidadãos presentes no filme, por motivo de segurança e proteção devido as características da sociedade que os cerca e as sanções impostas aos mesmos.



Fonte: inoawards.com (visualizado em 14/09/2010)

Para realizar a captação das imagens dos protestos contra a ditadura militar, o grupo de jornalistas-ativistas utilizou aparelhos celulares e pequenas câmeras e registraram a repressão militar durante as manifestações ocorridas em 2007. Graças ao uso da Internet (Rede mundial de Computadores) as filmagens foram

enviadas clandestinamente para fora da Birmânia, provocando repercussões na comunidade política internacional.

As cenas dos conflitos entre manifestantes e o exército foram transmitidas por redes de televisão do exterior com o objetivo de informar a realidade vivida pela população e buscou a ampliação de apoios internacionais para o movimento social que luta pela democratização do país. Da sede da TV em Oslo, Noruega, as imagens eram enviadas de volta a Birmânia para combater o regime de propaganda e desinformação. Após 40 anos, foi a primeira vez que alianças de monges e organizações sociais conseguiram se unir em manifestação e influenciar na agenda das questões políticas de todo o mundo.

Manifestações individuais, coletivas, de homens e mulheres, cidadãos comuns e monges budistas em busca de liberdades compõem as imagens capturadas pelos jornalistas-ativistas como um pedido de solidariedade por parte dos cidadãos da Birmânia na tentativa de fazer o mundo ouvir e perceber tamanha violência com que o governo se relaciona com seu povo.

A mais longa manifestação narrada pelo documentário que ocorreu em 2007 teve a atuação de monges budistas, considerados como autoridades morais, que caminharam descalços pelas ruas com bandeiras nas mãos e cânticos religiosos com os dizeres *“O amor e a gentileza vencem tudo”*, no decorrer da caminhada cidadãos comuns passaram a acompanhá-los e aplaudi-los. A passeata ganhou força e cada vez mais pessoas aderiram ao protesto, a marcha atingiu mais de 300.000 pessoas por toda a Birmânia em busca da democracia. Edifícios ficaram com suas janelas cheias de birmaneses, nos ônibus que passavam nas ruas, os passageiros apoiavam a manifestação e também apareceram aplaudindo a mesma. Em busca de um sonho que se torne verdade inúmeras pessoas se encontraram e as ruas ficaram tomadas por um mar de birmaneses. Como demonstramos na imagem abaixo que representa um recorte do documentário Burma VJ.



Fonte: poppysmicplopslop.blogspot.com (visualizado em: 14/09/2010)

Durante a grande manifestação a polícia não interveio, mas prevendo que os manifestantes iriam se direcionar ao palácio do governo preparou barricadas com arames enfarpados e armados com fuzis prontos para atingir os manifestantes. O conflito entre as tropas policiais, os budistas e os cidadãos comuns seria inevitável.

Ao se encontrarem os budistas e alguns manifestantes em menos quantidade continuaram seus cânticos em direção as barricadas. A maioria deles foi capturada pelos policiais e levada para dentro dos caminhões. Ocorreram tentativas de fuga e os guardas se tornaram cada vez mais violentos. Nuvens de fumaça branca tomam a cidade devido às armas de efeito moral e bombas de gás.

Poucos manifestantes mantiveram a passeata e cantavam cânticos e palavras de ordem, diversas partes do país foram ocupadas por guardas do exército. O templo budista foi invadido e sinais de sangue e janelas quebradas puderam ser vistos por toda a parte. A imagem abaixo, também retirada do documentário, expõe a situação dos monges budistas após os ataques dos militares.



Fonte: cbc.ca (visualizado em: 14/09/2010)

A população foi às ruas acompanhar os poucos monges com seus cânticos que eram emanados no meio da rua entre cidadãos comuns a poucos metros da sede do governo que era protegida por soldados e mais barricadas. Eles se encontraram em uma rua sem saída onde o fim dela corresponde a sede do governo, os policiais apareceram pela entrada da rua com armas nas mãos para por um fim na manifestação fazendo uso da violência. A imagem selecionada corresponde ao encontro dos monges budistas com a barricada armada pelos policiais, que são no decorrer da manifestação, conforme retrata o documentário, surpreendidos por outros policiais que aparecem nas suas costas para prendê-los e tortura-los.



Fonte: wordfilmguide.com (visualizado em: 14/09/2010)

Apesar da excessiva violência por parte dos policiais, os cidadãos da Birmânia, principalmente os estudantes, continuaram a manifestação por meio de passeatas pelas ruas da região e encontraram mais uma vez uma barricada de policiais com armas nas mãos e madeiras com arame farpado. O resultado desse encontro, novamente, correspondeu ao alto número de mortes violentas e manifestantes presos e torturados.

“Fontes hospitalares em Rangum disseram à estação britânica BBC que a carga da polícia de choque, que abriu fogo e utilizou gás lacrimogéneo, fez pelo menos um morto, enquanto, segundo fontes da embaixada do Reino Unido em Rangum, pelo menos 100 monges foram espancados e outros 300 foram presos.” (ANGOP 26-09-2007)

Em resposta à veiculação das imagens dos conflitos por emissoras internacionais de televisão, o governo da Birmânia em sua rede de TV, afirmou que a BBC, RFA e VOA eram sabotadores e estavam veiculando mentiras a respeito da vida social e política do país.

A ação governamental não pára na tentativa de desmentir as imagens produzidas das manifestações, mas começa a perseguir os jornalistas-ativistas, invadindo suas casas e prendendo seus computadores. Os jornalistas-ativistas passaram a viver na clandestinidade e, criaram uma rede social com o apoio da Internet para se comunicarem e saberem quem está vivo e quem está morto.

O ativista (Joshua) cuja maior parte das imagens capturadas propiciou a construção do documentário sofreu as sanções do governo e para não ser preso e executado fugiu da Birmânia e enfrentou a tarefa de construir uma nova rede a partir do zero. Pouco tempo depois ele retornou ao seu país ainda com o intuito de mudar a história do mesmo e acreditando que os cidadãos birmaneses foram inspirados para buscarem as verdadeiras informações sobre a realidade política e social de seu país.

A ação política desencadeada pela atitude desses jornalistas-ativistas vêm se constituindo como peça fundamental para pressionar os militares a terminarem com as violações aos direitos humanos e ao cerceamento das liberdades

individuais e coletivas. Nesse sentido, a apropriação das tecnologias de informação e de comunicação funciona como grande aliada à essa luta.

O cerco informacional é rompido pela ação de jornalistas-ativistas e o país ganha visibilidade e destaque em rede global a partir do uso das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (pequenas câmeras filmadoras de telefone móvel e acesso a internet) atrelada a ação de jornalistas-ativistas.

As imagens são utilizadas para demonstrar a situação de opressão a qual a população está submetida. São imagens que funcionam como denúncia dos desmandos militares e tem o objetivo de descortinar a realidade. Trata-se da apropriação dos dispositivos comunicacionais para transmitir para fora do país informações que possibilitaram o desencadeamento do debate internacional sobre o regime tirânico.

Entre as medidas de solidariedade internacional, destaca-se a resolução aprovada por unanimidade no Parlamento Europeu sobre as eleições que serão realizadas em 2010 e também a resolução do Parlamento Europeu que pede a libertação de Aung San Suu Kyi, da Liga Nacional para a democracia. A resolução pede a libertação de todo os presos políticos, a organização de eleições livres e a garantia da liberdade de comunicação, de expressão e de organização.

Esse episódio nos remete à potencialidade dos meios de comunicação na mobilização da opinião pública para

“Los usos tecnológicos pueden favorecer más contactos, interacciones y intercambios, incluso introducir nuevos formatos, lenguajes y dinámicas en los procesos comunicacionales. Debemos destacar que las herramientas virtuales de Internet también son apropiadas por los medios alternativos, comunitarios y contrahegemónicos para difundir de modo autónomo y descentralizado, sus puntos de vista y reivindicaciones, sin subordinación de ningún tipo a las políticas editoriales de los medios comerciales. El trabajo cooperativo en red permite el pluralismo informativo y cultural, sin fines de lucro(MORAES, 2010: 72)

A convergência tecnológica também pode ser observada com o documentário *Fogo sobre Marmara*, dirigido pelo jornalista espanhol David Segarra, contundente denúncia da ação do exército israelense na faixa de Gaza, território ocupado e palco de muitos conflitos.

A faixa de Gaza é historicamente uma região de conflito, durante séculos correspondeu ao Império Otomano, posteriormente foi conquistado pelos Britânicos e após a construção do Estado de Israel em 1948, a região absorveu refugiados palestinos expulsos das áreas que hoje fazem parte de Israel. Atualmente, Israel e Palestina disputam a posse política e militar da região.

A ação da Gaza Freedom Flotilha, com a presença de uma cineasta brasileira entre os ativistas e, de grupos de ação humanitária internacional foi responsável pelo registro e transmissão das imagens que chocaram os telespectadores de todas as partes do mundo, por mostrarem o alto grau de violência por parte do exército israelense contra os tripulantes.

Antes de embarcar, a cineasta brasileira já previa a possibilidade de impedimento da entrada da ajuda humanitária, conforme podemos ver em sua declaração:

Em alguns dias eu serei a única brasileira a embarcar num navio que integra a GAZA FREEDOM FLOTILLA. A recente decisão do governo israelense de impedir a entrada do acadêmico internacionalmente reconhecido Noam Chomsky nos Territórios Ocupados da Palestina sugere que também seremos barrados. Não obstante, partiremos com a intenção de entregar comida, água, suprimentos médicos e materiais de construção às comunidades de Gaza. (www.viomundo.com acesso em 14.09.2010).

O objetivo da cineasta e de todos os integrantes da Flotilha da Paz era contribuir para colocar em evidência as condições vividas pela população da faixa de Gaza. A situação é de extrema delicadeza, considerando a falta de remédios, alimentos, água potável e material de construção para que a população possa retomar sua vida. Nesse sentido, a criação do fato político não se restringia apenas à denúncia da violência desferida contra a população, mas na explicitação das precárias condições de vida a que estão submetidos, bem como das dificuldades enfrentadas pelos organismos internacionais de ação humanitária.

Nesse caso também, nota-se que a imagem é uma forma de romper com a cortina de fumaça que encobre o ataque aos direitos humanos. Para a cineasta havia, portanto, um duplo sentido na sua presença na Gaza Freedom Flotilla: protestar e produzir imagens que pudessem explicitar a posição de alguns atores políticos envolvidos no processo.

No mesmo período em que a *Flotilha da Paz* tentou entrar em Gaza, o lingüista e professor judeu-estadunidense Noam Chomsky também teve sua entrada negada na Cisjordânia onde daria uma palestra na Universidade de Bir Zeit., além de Chomsky outras autoridades internacionais também tiveram sua entrada impedida na região, demonstração clara do processo vivido pelo povo palestino.



Em junho de 2011, foi lançado no documentário *Fuego sobre el Marmara*, com as imagens que mostram o resultado dessa ação organizada pela ONG *Free Gaza*. A partir dele é possível verificar a ação violenta do comando militar israelense em maio de 2010. A ONG *Free Gaza*, organizou uma flotilha com seis embarcações, no entanto, antes da chegada ao destino inicial, a flotilha foi cercada por comandos militares por barco e helicóptero que iniciaram os disparos ferindo aproximadamente 40 pessoas, deixando 9 mortos e centenas de presos. Os ataques duraram aproximadamente uma hora e foram transmitidos ao vivo por uma rede de TV da Turquia, apesar da tentativa israelense de cortar os sinais de transmissão das imagens, conforme podemos ver claramente em algumas cenas e no depoimento de alguns ativistas a bordo da Flotilha.

A partir do depoimento e das imagens do documentário fica claro o papel estratégico da transmissão das imagens como parte indispensável da ação política organizada pelos ativistas. As imagens não são acessórias ou ilustrativas da

realidade, mas sim parte da ação considerada fundamental até mesmo para impedir que a violência fosse ainda maior. Conforme a seguinte declaração: *“Transmissão ao vivo salvou muitas vidas”* (ativista turco a bordo da Flotilha da Paz, 2011).



Ataque Israelense a Palestinos

(fonte: documentário Fuego sobre el marmaro)

Alguns ativistas também afirmam que a experiência de estar a bordo da flotilha permitiu vivenciar a situação dos palestinos na faixa de Gaza, cuja ameaça constante e a violência permanente já faz parte do cotidiano e é ocultada pela falta de divulgação das informações por parte dos meios de comunicação internacionais.

Para Segarra, a ideia de fazer a ação e transformá-la em um documentário tinha como objetivo impedir o aumento da violência na região: *“Para que a morte em Gaza não se torne um evento ordinário”*(ativista turco a bordo da Flotilha da Paz, 2010). Concorda a ativista chilena, *“Vamos quebrar o esquecimento”* (ativista chilena a bordo da Flotilha da Paz, 2010)

A iniciativa de organizar a embarcação, além da ajuda humanitária estava a necessidade de despertar a solidariedade ao povo palestino. Segundo os organizadores da Flotilha, a mídia não se interessa pelo cotidiano dessas

populações. *“A BBC não estava interessada, a mídia estadonidense não estava interessada”* (ativista turco a bordo da Flotilha da Paz, 2010).

O movimento *Free Gaza* se caracteriza pela composição de ativistas de diversas partes com diferentes concepções ideológicas, religiosas que desde 2008 organiza viagens para Gaza com o objetivo de levar ajuda humanitária à região. Algumas viagens tiveram êxito, outras foram impedidas como se pode verificar com a Flotilha da Paz que levava aproximadamente 10 mil toneladas de medicamentos, materiais de construção, material educativos para a população de aproximadamente 1,5 milhões de civis palestinos isolados e em precárias condições.

O documentário transmite a declaração do comandante da Armada Israelense, Eleizer Maron, aos seus subordinados. *“Somos soldados das forças de defesa de Israel e atuamos de acordo com nossos valores. Vamos intervir profissionalmente e com determinação. Não temos a intenção de ferir nenhuma dessas pessoas. Dito isto, temos que levar a cabo uma clara missão. Impediremos que entrem na Faixa de Gaza. Boa sorte”*

Essa declaração faz cômico com a do embaixador israelense Daniel Carmon durante reunião do Conselho de Segurança da ONU, embaixador, declarou justificando o ataque *“Israel lamenta profundamente qualquer perda de vida inocente. Mas não pode comprometer sua segurança. Ninguém o faria”*

O documentário exhibe a tentativa de cortar o sinal de satélite para impedir a transmissão das imagens dos ataques à Flotilha. A tentativa não teve êxito, uma TV turca transmitiu as imagens ao vivo e registraram a forma violenta utilizada pelos soldados israelenses. Para o jornalista italiano Marcelo Faragi, a bordo da Flotilha: *“Foi o maior ataque à imprensa livre. Todos os jornalistas foram presos ao chegarem em Israel e suas gravações foram apreendidas”*

Essas iniciativas dos ativistas que utilizam dispositivos midiáticos para a ação política estão em consonância com a nova forma de fazer política na sociedade contemporânea, constantemente atravessada por um novo elemento da comunicação que é caracterizado pela capacidade de integração, em um mesmo sistema, de diferentes modalidades. Tais como a potência escrita, oral e

audiovisual da comunicação humana, que interagem a partir de variados caminhos percorridos em uma rede global. Esse elemento corresponde à Internet: meio de comunicação mediado por computadores que interagem entre si e estabelecem um modo de organização social a partir da integração do mundo em redes globais. Na medida em que a Internet intensifica suas redes, pode desconstruir os mecanismos de repressão social, ganhando importante destaque nas ações políticas. *A Internet é o meio de comunicação e de relação essencial sobre o qual se baseia uma nova forma de sociedade que nós já vivemos, aquela que eu chamo de sociedade em rede. (CASTELLS,2000:256.)*

Posteriormente, Castells aborda especificamente a nova configuração do poder a partir do avanço da sociedade em rede.

“Em La sociedad red El poder está redefinido, pero no ha desaparecido. Como tampoco han desaparecido los conflictos sociales. La dominación y la resistencia a la dominación cambian de carácter según la estructura social específica en la que se originan y que modifican con su acción. El poder gobierna, El contrapoder combate. Las redes procesan SUS programas contradictorios mientras la gente intenta encontrar sentido a la fuente de SUS miedos y SUS esperanzas” (CASTELLS, 2009: 81).

Exemplos de agentes políticos que utilizam as Novas Tecnologias da Informação já se configuram desde fins do século XX, como o caso de sites de mídia independentes em conjunto com organizações não governamentais em protesto para apontar os efeitos perversos da globalização. Os movimentos antiglobalização neoliberal também se caracterizaram pelo uso das tecnologias de informação e de comunicação para a realização de debates e a organização dos protestos globais. Mobilizações como as ocorridas em Seattle e Genova são consideradas referenciais na apropriação das mídias digitais.

É importante destacarmos que o grande papel desempenhado pelas novas tecnologias de informação e de comunicação está na ampliação dos espaços de debates sobre questões das mais diversas naturezas. Em nenhum momento anterior, indivíduos e coletivos com poucos recursos financeiros encontravam canais para a expressão de suas opiniões para milhões de pessoas. Os movimentos antiglobalização dos anos 90 e as manifestações contra a ocupação americana no Iraque mostraram essa potencialidade e, podemos dizer que foram

os primeiros protestos globais, convocados pelos coletivos engajados em movimentos locais conectados por meio de redes sociais que usaram a Internet tanto para a realização dos debates quanto para a convocação de protestos.

É fundamental compreendermos o caráter rizomático³ da Internet para analisarmos as transformações que estão em curso na configuração dos movimentos sociais e políticos contemporâneos. Em primeiro lugar, nota-se a ampliação das formas de conexão entre indivíduos e, entre indivíduos e grupos. Esse aspecto proporciona a horizontalidade da comunicação e, portanto, a ruptura com o aspecto característico dos meios de comunicação tradicionais que se organizavam a partir da relação entre um emissor e muitos receptores. Nesse sentido, a Internet proporciona, em primeiro lugar, a multiplicidade e heterogeneidade das conexões. Cada ponto da rede pode realizar conexões infinitas com múltiplos pontos descentralizados, seria um movimento turbilhonar na ocupação de espaços e na construção de percursos que estão em constante criação, não existe mais um centro de informação e sim uma multiplicidade que ganha força a cada novo acontecimento.

Essa característica proporciona a expressão de grupos minoritários que podem manifestar suas práticas sociais e promover agenciamentos coletivos. No caso do coletivo de jornalistas-ativistas bimaneses, nota-se que o uso das câmeras e da Internet possibilitou a expressão de uma prática política de resistência à ditadura militar instaurada no país. Nesse sentido, nota-se a importância da articulação de um movimento de solidariedade internacional e, ao mesmo tempo, busca articular as mobilizações populares, conforme as cenas do documentário.

Poderíamos dizer que o documentário pode ser entendido como uma espécie de *linha de fuga*, à medida que busca romper com o território fechado que oprime a liberdade de expressão e de comunicação e age no limite. O subtítulo nos traz essa formulação: *Notícias de um país fechado. A linha de fuga*, conforme Deleuze e Guattari, baseia-se na abertura de formas capazes de romper com a dominação, com a opressão que impede o desenvolvimento de territórios que possibilitem a expressão das singularidades individuais e coletivas.

³ Conceito definido pelos filósofos franceses Gilles Deleuze e Felix Guattari

O uso de ferramentas digitais na ação política se tornou uma das características centrais dos movimentos sociais contemporâneos. Desde o EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional) que no início dos anos 90 começou a utilizar a rede para ampliar a base de apoio às reivindicações dos grupos indígenas existentes na região de Chiapas no México, verifica-se a chamada guerrilha midiática atuando no sentido de garantir a visibilidade de suas lutas contra o imperialismo estrangeiro (materializado no NAFTA); as exclusões sociais impostas pela modernização econômica; ao capitalismo.

“O ciberespaço é muito mais inclusivo do que todos os outros meios de comunicação anteriores. Ele permite a expressão pública a todos os indivíduos, grupos, instituições e comunidades, inclusive as comunidades (comunidades virtuais) não existentes anteriormente. O Ciberespaço não apenas permite que qualquer um se exprima, como autoriza um grau de acesso à informação superior a tudo aquilo que se podia experimentar antes.”(Levy, 2005: 375,376)

A estratégia de comunicação dos zapatistas foi fundamental para ampliar o apoio às reivindicações do movimento que é considerado o primeiro movimento de guerrilha informacional, *“eles criaram um evento de mídia para difundir sua mensagem ao mesmo tempo tentando, desesperadamente, não serem arrastados a uma guerra sangrenta.”* (CASTELLS, 2001: 103)

O sociólogo espanhol Manuel Castells chamou a atenção para a impossibilidade do governo mexicano de exercer a repressão em larga escala, quando os zapatistas utilizaram a rede como um instrumento para a ação política, uma vez que mobilizações entre diferentes países e apoios de outras organizações do próprio México ganharam uma dimensão global, se uniram e expandiram as informações a respeito do movimento e sua luta.

Outra situação que nos remete à forma semelhante de utilização das novas tecnologias para a ação política foi a ocorrida na Espanha, em 2004, às vésperas das eleições. Dias antes do pleito, a Espanha – e o mundo – foi surpreendida com um atentado à estação de metrô Atocha que deixou aproximadamente 200 mortos e centenas de feridos.

Naquele momento, o primeiro-ministro que buscava a reeleição agiu rapidamente e, com o apoio de importantes emissoras de rádio e televisão,

divulgou uma versão sobre a responsabilidade dos atentados. A autoria foi atribuída ao grupo separatista ETA, cuja atuação há décadas se baseia em atos terroristas. Essa versão favorecia as posições do partido do candidato à reeleição, cujas pesquisas de opinião pública apontavam uma pequena vantagem em relação ao segundo colocado.

A velocidade das novas tecnologias ocupou um papel significativo naquele momento. Nos portais de jornais ingleses, franceses e norte-americanos já se veiculava uma versão diferente da oficial. O grupo terrorista Al Qaeda reivindicava a autoria do atentado. Esse foi o estopim para que um grupo de ativistas espanhóis começasse a reivindicar a verdade por parte dos governantes. O uso de SMS, via celular, foi fundamental para desmentir a versão governamental a respeito da autoria do atentado à estação de metrô Atocha em 2004 (Blanco, 2005) e também para convocação de manifestações em todo país. Essa ação midiática possibilitou à população o conhecimento sobre a verdade dos fatos e reverteu o resultado das eleições realizadas naquele período. Resultado: o partido governista foi derrotado.

O ano de 2009, no Irã, foi marcado pela conturbada reeleição de Mahmoud Ahmadinejad ao poder e, mais uma vez, a Internet foi utilizada para romper as barreiras com relação a ausência de liberdade de expressão e de informação, característica típica dos regimes países totalitários. Dias antes das eleições, o uso de celulares e da internet, foi bloqueado por parte do governo, os cidadãos iranianos conseguiram manter a divulgação de informações a partir do uso de satélites que ainda não tinham sido descobertos pelas autoridades.

O twitter foi amplamente utilizado pelos opositores iranianos para divulgarem os links com fotos sobre os confrontos entre os manifestantes e as forças armadas. É interessante percebermos a forma como as ferramentas digitais funcionaram como se fossem “armas”, uma verdadeira guerrilha digital estava estabelecida e era vista como única forma de romper com o cerco informacional imposto por Ahmadinejad. Os opositores iranianos solicitaram aos “twitteros” de outros países que mudassem sua nacionalidade para Teerã, desse modo, tornava-se mais difícil que o governo pudesse identificar as mensagens originadas no próprio país, burlando o monitoramento realizado pelas instâncias governamentais.

Nessa mesma perspectiva os franceses no fim de 2005 utilizaram as câmaras para registrar e disseminar as informações sobre as manifestações ocorridas nos bairros periféricos franceses. O cineasta Ladj Ly e seu coletivo Kourtrajmé da periferia parisiense filmou as condições de vida, o cotidiano e os conflitos travados entre jovens, descendentes de imigrantes e policiais. Para os integrantes do Kourtrajmé⁴, a câmera é considerada uma arma potente para discutir os problemas das populações periféricas, que no caso francês é constituída por imigrantes (legais ou ilegais) estigmatizados e com precárias condições de vida, vivendo tanto a segregação espacial quanto a social.

Considerando o caráter imagético da sociedade contemporânea e diante do processo de massificação da produção e veiculação de imagens, tornou-se freqüente nas ações políticas atuais a busca pela ampliação da visibilidade de determinadas questões sociais, políticas, econômicas e étnicas, sobretudo daqueles segmentos sociais que se tornaram invisíveis frente às políticas de seleção de imagens dos grandes conglomerados midiáticos.

A utilização da linguagem documental é bastante freqüente, embora tenhamos que compreender que o significado do documentário aqui se aproxima da definição oferecida por Bill Nichols

“os documentários representam o mundo histórico ao moldar o registro fotográfico de algum aspecto do mundo de uma perspectiva ou de um ponto de vista diferente. Como representação tornam-se uma voz entre muitas numa arena de debate contestação social. O fato de os documentários não serem uma reprodução da realidade dá a eles uma voz própria. Eles são uma representação do mundo, e essa representação significa uma visão singular do mundo. A voz do documentário é, portanto, o meio pelo qual esse ponto de vista ou essa perspectiva singular se dá a conhecer” (NICHOLS, 2005: 73).

Portanto, a imagem documental atua como a expressão de um ponto de vista, de uma perspectiva de se abordar as questões sociais, étnicas, políticas, raciais ou sociais, oferecendo outras interpretações que se diferenciam daquelas disseminadas pelas emissoras de televisão comerciais. Alguns documentários ou reportagens, às vezes, conseguem inclusive espaço dentro do espectro comercial

⁴ Kourtrajmé, produtora e coletivo de artistas que atuam na produção audiovisual desde 1994

e acabam ocupando em algumas cadeias de televisão um espaço significativo e colocam no debate outros atores políticos e outros contornos para a reflexão do público. Esse foi o caso da ação da Gaza Freedom Flotilla que rompeu as barreiras midiáticas e demonstrou os níveis de violência vividos na região.

Do mesmo modo, nota-se que os movimentos sociais contemporâneos cada vez mais apropriam às suas o uso das tecnologias de informação e de comunicação. Tâmara V. Ford e Genève Gil abordaram a inovação introduzida pela internet na organização dos movimentos sociais e destacam o caráter conectivo da rede e, principalmente a importância da convergência de tecnologias. Para as autoras,

“A internet representa uma nova era para a mídia alternativa. Sendo uma infraestrutura interconectada para múltiplas formas de comunicação, ela promove um período de convergência das tecnologias de mídia. Ao proporcionar a transmissão fácil de textos simples bem como os meios de combinar e recombinar uma série de formatos de mídia e atores sociais, permite a distribuição de conhecimentos e recursos a quase todos os lugares do globo, de maneira até então inédita” (DOWNING, 2002:270)

Se o uso das tecnologias de informação, comunicação e conexão já está incorporada às dinâmicas sociais e políticas da contemporaneidade, nota-se que a diversificação desse uso expressa a forma como os atores políticos estão dinamizando suas práticas e encontram nas ferramentas digitais a possibilidade de potencializar e inovar as manifestações. A convergência midiática está para além da apropriação tecnológica, mas articula diversas mídias que podem provocar fatos políticos capazes de colocar debates específicos nas agendas locais e global.

A produção de vídeos e sua transmissão por celulares ou por internet vêm sendo amplamente utilizadas por grupos políticos seja para denunciar determinadas condições adversas ou ainda para expor a ação não-midiática de determinados atores.

Como exemplo podemos citar a campanha de Barack Obama, hoje presidente dos EUA, nas eleições presidenciais de 2008, em que eleitores adeptos ao candidato e a própria agência de marketing responsável por sua campanha postaram inúmeros vídeos na internet.

"Sem internet não haveria Obama. A diferença de compreensão, entre as campanhas de Obama e Clinton, sobre o que se pode realizar por meio da política on-line tem sido um fator decisivo nessa que é a maior reviravolta na história das primárias presidenciais. Há, naturalmente, outras diferenças importantes: a estratégia empregada no "caucus", o glamour, a oratória, os discursos enfocando diretamente o preconceito. Mas nenhuma delas teria sido decisiva sem o dinheiro que Obama arrecadou on-line, os vídeos que Obama postou on-line e, acima de tudo, os milhões de pessoas que aderiram on-line à campanha de Obama, em seus tempos e termos próprios" (CORNFIELD, 2008).

Para Henry Jenkins a convergência das mídias inaugura um novo paradigma que promove a interação entre as novas e as antigas mídias. Esse paradigma derruba uma concepção ultrapassada baseada na idéia que as novas mídias substituíram as antigas. A convergência pressupõe um processo tecnológico que unifica múltiplas funções em um mesmo aparelho e possibilita amplas possibilidades de uso dos mesmos. No caso dos jornalistas-ativistas da Birmânia essa convergência é clara. O celular é usado para a captação das imagens que são enviadas pela Internet a partir do mesmo aparelho. O SMS também é utilizado para divulgar informações sobre as manifestações e proporciona a capilarização da rede social.

Jenkins é enfático:

"Lembrem-se disto: a convergência refere-se a um processo, não a um ponto final. Na haverá uma caixa preta que controlará o fluxo midiático para dentro de nossas casas. Graças à proliferação de canais e à portabilidade das novas tecnologias de informática e telecomunicações, estamos entrando numa era em que haverá mídias em todos os lugares. A convergência não é algo que vai acontecer um dia, quando tivermos banda larga suficiente ou quando descobirmos a configuração correta dos aparelhos. Prontos ou não, já estamos vivendo numa cultura de convergência. Nossos telefones celulares não são apenas aparelhos de telecomunicações; eles também nos permitem jogar, baixar informações da internet, tirar e enviar fotografias ou mensagens de textos" (JENKINS, 2008: 41).

A portabilidade se configura como um dos aspectos que proporcionou o êxito da ação dos jornalistas-ativistas. No documentário é possível o uso de pequenas câmaras e, principalmente dos celulares para a captação da repressão policial. Em algumas cenas, nota-se a brutalidade da polícia ao encontrar entre os manifestantes a presença de equipamentos de filmagens que eram imediatamente

destruídos. Nesse caso, quanto menor era o aparelho menor eram as chances de serem alvos de destruição.

A maneira como Jenkins analisa a convergência digital vai de encontro às principais características da situação da Birmânia. O país não é dotado de um grande desenvolvimento tecnológico, ao contrário, nota-se a fragilidade econômica, a pobreza da população e a dificuldade de acesso aos bens tecnológicos, seja pela questão econômica ou, ainda, pela interdição imposta pelos militares no poder. Os generais sabiam que se liberassem o acesso às tecnologias poderiam estar abrindo espaço para que seus opositores a utilizassem para organizar o movimento insurrecional.

Mesmo com poucos recursos tecnológicos e com a precariedade dos aparelhos disponíveis aos jornalistas-ativistas, a convergência das mídias possibilitou a captação e emissão das imagens para fora do país. Portanto, as imagens do documentário foram fundamentais para que a situação política do país se tornasse conhecida da comunidade internacional.

As cenas dos protestos veiculadas em telejornais internacionais despertaram o interesse por informações a respeito do país e acionou a opinião de importantes lideranças políticas de vários países que passaram a enviar moções de repúdio à tirania do governo e solicitar o restabelecimento da democracia, fim da censura e a condenação a qualquer medida que atente contra os direitos humanos.

Outro aspecto importante desse debate é a capilaridade da ação política possibilitada pelo uso das redes sociais que se apropriam das novas mídias para intervir na conjuntura política do país. Nesse sentido, observa-se abordagens, bastante otimistas, como as de Cremades que afirma o papel central das novas tecnologias na configuração de micropoderes⁵.

“Não se trata de uma nova utopia, mas da descrição de um processo a que assistimos há alguns anos. As últimas incorporações democráticas importantes à agenda democrática têm sido possíveis graças às novas tecnologias de comunicação. Procedentes das preocupações das pessoas à margem da política

⁵ Os micropoderes a que o autor faz referência não estão na mesma definição desenvolvida por Michel Foucault. Na verdade, a definição de micropoder utilizada por Javier Cremades se aproxima mais ao conceito de contrapoder trabalhado por Foucault.

institucional(...)O micropoder presume ser fato consumado que os cidadãos são os verdadeiros protagonistas da mudança social: ninguém fará como os cidadãos, tão bem como os cidadãos, se os cidadãos não a fizerem” (CREMADES, 2009: 33).

Em novembro de 2010 foram realizadas as eleições parlamentares na Birmânia, após 20 anos do regime ditatorial. O processo eleitoral foi questionado por vários países que consideram o pleito ilegítimo por não permitir que a maior liderança da oposição Aung San Suu Kyi concorresse às eleições. A Liga Nacional para a Democracia (LND) foi dissolvida em 1990, partido de Aung San, ano em que se realizaram as últimas eleições no país, cujos resultados são questionados pela oposição.

Até mesmo o presidente americano Barak Obama declarou que as eleições que decorrem hoje na Birmânia serão “tudo menos livres e justas” e reafirmou *“Depois de muito tempo, o povo da Birmânia deve reservar-se ao direito de decidir sobre o seu próprio destino”*(Público, novembro 2001).

Considerações Finais

Os documentários Burma VJ e Fogo sobre o Mármara mostram a forma como a convergência das mídias vem sendo utilizada para romper com a forte censura existente nos respectivos países. A captação das imagens das manifestações de protesto é realizada de forma clandestina na Birmânia, considerando o aparato militar orientado para destruir câmaras ou celulares que estivessem registrando os confrontos entre os manifestantes e o exército. No caso da Faixa de Gaza, nota-se a tentativa do governo israelense em impedir que as imagens do ataque fossem transmitidas para as TVs estrangeiras. Trata-se da configuração de um sistema multimidiático utilizado para potencializar a ação política dos manifestantes birmaneses e da ajuda humanitária à Gaza na busca de romper o cerco fechado pelos detentores do poder.

As transmissões dessas imagens em redes de TV internacional provocaram grande repercussão em diversos setores políticos que começaram a desenvolver iniciativas para pressionar os militares birmaneses a terminarem com as violações aos direitos humanos e o cerceamento das liberdades individuais e coletivas. Entre

as medidas, destaca-se a resolução aprovada por unanimidade no Parlamento Europeu sobre as eleições que serão realizadas em 2010.

A resolução do Parlamento Europeu pede a libertação de Aung San Suu Kyi, da Liga Nacional para a democracia. Ela está sob prisão domiciliar desde 1990 e ganhou o Prêmio Nobel da Paz em 1991 por ser considerada o símbolo da oposição da Birmânia. A resolução pede a libertação de todos os presos políticos, a organização de eleições livres e a garantia da liberdade de comunicação, de expressão e de organização.

No caso do ataque israelenese à Flotilha da Paz, o documentário mostra as manifestações em diversos países pedindo justiça e o fim do bloqueio ao território para que a ajuda comunitária possa chegar à população.

Nesse sentido, verificamos a importância dos jornalistas-ativistas birmaneses e ativistas do Free Gaza na luta pela democratização da informação e no êxito da estratégia comunicativa para ampliar a rede de apoios internacionais, colocando os dispositivos tecnológicos para o estabelecimento das liberdades individuais e coletivas.

Bibliografia:

AGAMBEN, Giorgio, *Estado de Exceção*, São Paulo: Boitempo, 2004

BLANCO, Victor F.Sampedro (ed). *13-M Multitudes on line*, capítulos 1 e 9, Madrid, Los libros de la Catarata, 2005.

CASTELLS, Manuel, *O poder da identidade*, vol II, trad: Klauss Brandini. São Paulo, Paz e Terra, 2001.

_____, *A Sociedade em rede*, vol I, trad; Klauss Brandini. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

_____, *Comunicación y Poder*, Madrid: Alianza Editorial, 2009

CHAIA, Miguel, *Sombra política e luz cinematográfica*; Revista Cult, ano 6, número 78, São Paulo, março 2004

CREMADES, Javier, *Micropoder – a força do cidadão na era digital*. São Paulo: SENAC, 2009

DELEUZE, G. & GUATTARI, F., *Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia*, Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

DOWNING, John D.H., *Mídia Radical – Rebeldias nas Comunicações e Movimentos Sociais*, São Paulo: SENAC, 2002

GENNARI, Emilio, *Chiapas, as comunidades zapatistas reescrevem a historia*, Rio de Janeiro, Achiamé, 2002.

JENKINS, Henry, *Cultura da Convergência*, São Paulo: Aleph, 2008.

LEACH, E.R., *Sistemas políticos da Alta Birmânia*, São Paulo: EDUSP, 1996

LEVY, Pierre. *Pela ciberdemocracia*, in Moraes, Denis (org.). *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro, Editora Record, 2003

_____. *Cibercultura*, trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo, Editora 34, 2007.

MORAES, Denis, *Mutaciones de lo visible – comunicación y procesos culturales en la era digital*, Buenos Aires: Paidós, 2010

NICHOLS, Bill, *Introdução ao documentário*, Campinas: Papyrus, 2005

Sites,

<http://burmavimovie.com>

<http://www.publico.pt>

<http://www.inowards.com> (visualizado em 14/09/2010)

<http://www.poppysmicplopslop.blogspot.com> (visualizado em 14/09/2010)

<http://www.cbc.ca> (visualizado em 14/09/2010)

<http://www.viomundo.com> (visualizado em 14.09.2010)

<http://wordfilmguide.com> (visualizado em 14/09/2010)

FILME:

[ØSTERGAARD](#), ANDERS. Burma Vj: Noticias de um país fechado. [filme – dvd].

Produção: Anders Østergaard. Dinamarca, 2008. DVD.105 min.

SEGARRA, DAVID. Fuego sobre el marmara. [filme – DVD]. Produção TeleSur.2010. DVD 90 min.